



## MIGRAÇÃO E HOSPITALIDADE: UM ESTUDO SOBRE ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO NA CIDADE DE SÃO LUÍS – MA.

Aline da Costa Ribeiro<sup>1</sup>, Cairo César Braga de Sousa<sup>2</sup>, Cristiane Rêgo Oliveira<sup>3</sup>, Ana Zélia Silva<sup>4</sup>, Taís do Nascimento Brandão<sup>5</sup>, Vicença Costa de Lima<sup>6</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p2075-2092>

Artigo recebido em 22 de Julho e publicado em 2 de Setembro de 2025

### ARTIGO ORIGINAL

#### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O fenômeno migratório é um dos processos mais antigos e significativos da história humana, influenciando de maneira profunda a organização das sociedades e a configuração cultural de diferentes regiões, esta pesquisa reflete sobre a relação entre migração e hospitalidade no contexto do acolhimento na cidade de São Luís- MA. **OBJETIVOS:** investigar o fenômeno migratório, identificando suas causas e consequências; examinar as práticas e concepções da hospitalidade relacionadas à dinâmica migratória no espaço urbano e compreender como a hospitalidade se manifesta na capital maranhense. **METODOLOGIA:** Adotou-se como metodologia a revisão bibliográfica, com base em autores que discutem migração, hospitalidade e urbanidade, bem como em dados históricos e estatísticos sobre o Maranhão. **RESULTADOS:** Os resultados apontam que São Luís, historicamente marcada por fluxos migratórios internos, apresenta uma hospitalidade plural, expressa em dimensões sociais, culturais e econômicas, mas ainda permeada por desafios estruturais, como desigualdade socio espacial e barreiras de integração. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que a hospitalidade, para além do campo simbólico, necessita ser fortalecida por políticas públicas inclusivas, capazes de garantir pertencimento e dignidade aos migrantes.

**Palavras-chave:** Migração; Hospitalidade; São Luís; Acolhimento; Integração.



## **MIGRATION AND HOSPITALITY: A STUDY ON RECEPTION AND INTEGRATION IN THE CITY OF SÃO LUÍS – MA.**

### **ABSTRACT**

**INTRODUCTION:** Migration is one of the oldest and most significant processes in human history, profoundly influencing the organization of societies and the cultural makeup of different regions. This research reflects on the relationship between migration and hospitality in the context of hospitality in the city of São Luís, Maranhão. **OBJECTIVES:** To investigate the migration phenomenon, identifying its causes and consequences; to examine the practices and concepts of hospitality related to migratory dynamics in urban spaces; and to understand how hospitality manifests itself in the capital of Maranhão. **METHODOLOGY:** A literature review was adopted, based on authors who discuss migration, hospitality, and urbanity, as well as historical and statistical data about Maranhão. **RESULTS:** The results indicate that São Luís, historically marked by internal migratory flows, presents a plural hospitality, expressed in social, cultural, and economic dimensions, but still permeated by structural challenges, such as socio-spatial inequality and integration barriers. **CONCLUSION:** It is concluded that hospitality, beyond the symbolic field, needs to be strengthened by inclusive public policies, capable of guaranteeing belonging and dignity to migrants.

**Keywords:** Migration; Hospitality; São Luís; Reception; Integration.

**Instituição afiliada –** UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)

**Autor correspondente:**

Aline da Costa Ribeiro [alinedacostaribeiro15@gmail.com](mailto:alinedacostaribeiro15@gmail.com)

Cairo César Braga de Sousa [cairo.cezar@ufma.br](mailto:cairo.cezar@ufma.br)

Cristiane Rêgo Oliveira [cristiane.rego@ufma.br](mailto:cristiane.rego@ufma.br)

Ana Zélia Silva [ana.zs@ufma.br](mailto:ana.zs@ufma.br)

Taís do Nascimento Brandão [tais.brandao@discente.ufma.br](mailto:tais.brandao@discente.ufma.br)

Vicença Costa de Lima [vicenca.lima@discente.ufma.br](mailto:vicenca.lima@discente.ufma.br)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

Explicar sobre O fenômeno migratório é um dos processos mais antigos e significativos da história humana, influenciando de maneira profunda a organização das sociedades e a configuração cultural de diferentes regiões. Castles; Miller (2009) ressaltam que as migrações contemporâneas, intensificadas pelo processo de globalização, combinam fluxos internos e internacionais, resultando em transformações demográficas, sociais e econômicas nos territórios de destino. No Brasil, essas dinâmicas se manifestam tanto em movimentos inter-regionais quanto na chegada de imigrantes estrangeiros, e, como afirma Camargo (2004), tais deslocamentos não se restringem a questões geográficas, mas implicam também mudanças de identidade, relações sociais e adaptação cultural.

Nesse contexto, a hospitalidade se apresenta como elemento central para compreender as interações entre migrantes e comunidades receptoras. Derrida (2004) argumenta que a hospitalidade vai além da simples recepção física, envolvendo uma abertura ética e relacional que desafia a lógica do controle e da soberania. Para Boff (2005), a hospitalidade deve ser pensada como prática social e política, capaz de garantir dignidade e integração aos recém-chegados, sendo sustentada por políticas públicas generosas e efetivas. Assim, a hospitalidade no contexto migratório não é apenas um gesto individual, mas um compromisso coletivo que envolve o Estado, a sociedade civil e os setores privados.

Montandon (2003) define a hospitalidade como “uma maneira de viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis”, ressaltando seu papel na construção de vínculos sociais e culturais. Lashley; Morrison (2004) complementam essa visão ao identificar três domínios social, privado e comercial que, no contexto da migração, se entrelaçam na criação de redes de apoio e integração. Em cidades como São Luís - MA, onde a chegada de migrantes é influenciada por fatores econômicos, educacionais e culturais, a hospitalidade pode se expressar tanto em espaços públicos e iniciativas comunitárias quanto nas relações comerciais e institucionais que moldam o cotidiano urbano.

No Maranhão, e especificamente em São Luís, a dinâmica migratória é marcada



pela chegada de indivíduos de diferentes regiões do estado e do país, atraídos por oportunidades de trabalho, estudo e melhoria de vida. Conforme aponta Ribeiro (2015), esses fluxos são acompanhados por desafios relacionados à habitação, emprego e acesso a serviços básicos. A integração desses migrantes depende não apenas de condições materiais, mas também de um ambiente culturalmente receptivo, no qual práticas de hospitalidade, formais ou informais, desempenham papel essencial para a construção do sentimento de pertencimento.

Para compreender o fenômeno da mobilidade humana em escala mundial, nacional e regional, é essencial diferenciar três conceitos básicos, que frequentemente são confundidos: migração, emigração e imigração. Antes de adentrar na especificidade da trajetória maranhense, é fundamental estabelecer alguns conceitos-chave que norteiam os estudos migratórios.

A mobilidade humana é um fenômeno complexo, e a precisão terminológica é o primeiro passo para uma análise aprofundada. Termos como migração, imigração e emigração, embora relacionados, descrevem facetas distintas do mesmo processo.

Ao olharmos para a história específica do Maranhão, é importante definirmos alguns conceitos-chave que guiam os estudos sobre migração. A mobilidade humana é um fenômeno complexo, e usar os termos corretos é o primeiro passo para uma boa análise. Palavras como migração, imigração e emigração, por exemplo, descrevem lados diferentes do mesmo processo. A migração deve ser analisada não apenas como um fenômeno geográfico, mas também como expressão das desigualdades sociais e econômicas entre regiões. Ele afirma que “a migração tem sido um fenômeno social fundamental para a constituição das sociedades, sendo expressão da desigualdade, da violência e das oportunidades desiguais de desenvolvimento” (Zamberlam, 2004). O autor também propõe uma leitura ampliada do termo, ao sugerir a existência da chamada migração social, quando uma pessoa é marginalizada ou excluída de direitos, mesmo permanecendo no seu território. Essa leitura permite compreender que o migrar não é apenas deslocar o corpo no espaço, mas pode envolver também rupturas de pertencimento e de cidadania. Diante desses conceitos, torna-se possível analisar com mais profundidade os processos migratórios que moldaram a história de diversos países como é o caso do Brasil e os impactos desses movimentos no campo da economia,



cultura, identidade e hospitalidade.

Entre os principais fatores que influenciaram a entrada de imigrantes europeus no Brasil estavam: a escassez de trabalhadores após o fim da escravidão, o crescimento das lavouras de café no Sudeste e os ideais políticos que buscavam o branqueamento da população. Muitos desses imigrantes eram italianos, alemães, espanhóis e portugueses. Ainda segundo Levy (1974), "a política imigratória brasileira foi fortemente seletiva e baseada em critérios raciais e de utilidade econômica".

Zamberlam (2004) complementa ao destacar que "o discurso político da época associava o imigrante europeu à civilização, à modernização do campo e ao progresso urbano-industrial", enquanto ao mesmo tempo marginalizava outras populações migrantes, como africanos libertos, asiáticos ou sertanejos pobres.

No século XX, os fluxos migratórios continuaram, mas com mudanças significativas. Com as guerras mundiais, a entrada de estrangeiros foi reduzida e a migração interna ganhou força. O país passou a vivenciar um intenso deslocamento de nordestinos para as regiões Sudeste e Centro Oeste, motivado pela seca, pelo desemprego e pela concentração de terras no interior. Estudos apontam que a migração nordestina se tornou uma das maiores do mundo em termos internos, modificando o perfil urbano do país (Zamberlam, 2004).

Além disso, as migrações no Brasil não podem ser compreendidas apenas em números e mapas. Elas envolvem a construção de identidades, a formação de redes sociais e a reorganização dos espaços. O estudo do contexto migratório do Maranhão, propõe o conceito de "teia migratória" e afirma que "os migrantes constroem vínculos com o lugar, produzem memória e se tornam parte ativa da dinâmica social" (FERREIRA, 2019).

A história da migração no Maranhão é tão antiga quanto sua própria fundação. No período colonial, a região já era um palco de disputas e fluxos de pessoas. A capital, São Luís, fundada por franceses e depois colonizada por portugueses, nasceu como um ponto de encontro e conflito. A economia da época, baseada na exportação de açúcar e algodão, foi sustentada pela mais violenta das migrações: o tráfico de africanos escravizados. São Luís, como principal porto, era o centro desse fluxo, o que marcou profundamente a base populacional e cultural da cidade e do estado



Durante o Império, no século XIX, a economia do algodão continuou a atrair alguns fluxos, como o de comerciantes portugueses para São Luís. Foi nesse período, também, que as grandes secas no Nordeste, como a de 1877-1879, empurraram as primeiras levas de sertanejos do Ceará e do Piauí para o interior do Maranhão, em busca de terras. Ao mesmo tempo, a estrutura de posse de terra no estado, já concentrada em grandes fazendas, preparou o terreno para os conflitos que viriam a seguir.

É nesse cenário que a questão da terra se torna o principal motor da migração interna no século XX. Como aponta Silva (2011), a migração no estado muitas vezes não foi uma escolha, mas uma consequência da expropriação.

Nessa perspectiva, é possível perceber que a migração é mais do que um deslocamento físico: é também um processo simbólico, cultural e afetivo. Seja no mundo, no Brasil ou nas regiões interiores como o Maranhão, migrar é um ato profundamente humano, que revela tanto as dores quanto as esperanças de quem parte. Os dados do IBGE mostram essa transformação em números. O Quadro 01 ilustra como São Luís atraía pessoas, enquanto o restante do estado, em média, perdia população.

**Quadro 01:** Dados migratórios no Maranhão

<b>Período</b>	<b>Saldo Migratório Anual (São Luís)</b>	<b>Saldo Migratório Anual (Média do Estado)</b>
1995-2000	+ 8.500 pessoas	- 2.300 pessoas
2005-2010	+ 9.200 pessoas	- 1.500 pessoas

**Fonte:** Adaptado de dados do Censo Demográfico, IBGE (2010).

O quadro deixa claro o papel de São Luís como um "oásis" de atração dentro de um estado que historicamente mais expulsa do que atrai pessoas.

O Maranhão tem sido palco de importantes movimentos migratórios ao longo dos séculos, tanto de origem nacional quanto internacional. Ainda no século XIX, a província passou por momentos de crescimento econômico expressivo, chegando a ocupar a quarta posição entre as economias brasileiras. No entanto, esse protagonismo começou a declinar, principalmente com a crise da economia agroexportadora baseada na mão de obra escrava.



Segundo Magalhães (2013), a falta de mão de obra se tornou um tema recorrente nas discussões políticas e econômicas da época, A principal reclamação dos produtores girava em torno da falta de mão de obra, já que o fim da escravidão se anunciava desde 1850 e os braços escravos começavam a escoar em direção às plantações de café no Sudeste. Além disso, as migrações no Brasil não podem ser compreendidas apenas em números e mapas. Elas envolvem a construção de identidades, a formação de redes sociais e a reorganização dos espaços. Ferreira (2019), ao estudar o contexto migratório do Maranhão, propõe o conceito de "teia migratória" e afirma que os migrantes constroem vínculos com o lugar, produzem memória e se tornam parte ativa da dinâmica social. Assim, a migração no Maranhão deve ser compreendida como parte de um processo histórico mais amplo, que articula aspectos econômicos, sociais e simbólicos. Os movimentos migratórios contribuíram não apenas para o povoamento do território, mas também para a formação de redes afetivas, de resistência e de produção de memória coletiva.

Nessa perspectiva, é possível perceber que a migração é mais do que um deslocamento físico: é também um processo simbólico, cultural e afetivo. Seja no mundo, no Brasil ou nas regiões interiores como o Maranhão, migrar é um ato profundamente humano, que revela tanto as dores quanto as esperanças de quem parte.

A hospitalidade é um fenômeno humano profundo, presente desde os primórdios das sociedades humanas e fortemente entrelaçado com a experiência do estrangeiro, do forasteiro e, mais recentemente, do migrante. Ao se falar de hospitalidade em contextos migratórios, não se está tratando apenas de boas maneiras ou da recepção cortês, mas de processos históricos, sociais e simbólicos que envolvem acolhimento, alteridade, troca, poder e resistência.

Segundo Godoi (2008), a hospitalidade refere-se ao “ato de receber ou acolher bem um visitante, familiar, amigo ou desconhecido”. Já Baptista (2002) amplia essa compreensão ao definir a hospitalidade como “um conjunto de serviços, atitudes e estruturas num ambiente diferente do que o indivíduo reside, com o objetivo maior de proporcionar-lhe bem-estar, conforto, segurança e acolhida com qualidade”.

Para Camargo (2004), a falta de hospitalidade atinge tanto migrantes quanto



turistas, e pode ser expressa de forma explícita ou sutil, institucional ou interpessoal. Segundo o autor, a rejeição pode ser lida como uma falta de hospitalidade, de capacidade de hospitalidade tanto de anfitriões como de hóspedes. Ainda segundo o referido autor a qualidade da hospitalidade não diz respeito apenas àquele que recebe, mas também àquele que é recebido. Isso porque o encontro entre anfitrião e hóspede implica responsabilidades mútuas, e ambos podem contribuir para o fracasso ou sucesso da experiência de acolhimento.

Cidades que se propõem acolhedoras precisam implementar medidas concretas que garantam acesso e dignidade, sobretudo para os grupos historicamente excluídos. Conforme observam Gastal; Moesch (2007), políticas públicas eficazes são aquelas que reconhecem as necessidades materiais e simbólicas da população, respeitando suas especificidades culturais, sociais, econômicas e de gênero.

Junqueira; Rejowski (2010) defendem que a hospitalidade urbana deve ser pensada como elemento estruturante do planejamento das cidades. Eles sugerem que a qualidade de vida dos moradores e, por extensão, dos visitantes – deve ser valorizada em todas as suas dimensões.

A própria experiência de circular pela cidade já é, em si, marcada por ritos de hospitalidade. Montandon (2003) observa que o primeiro contato entre anfitrião e hóspede ocorre ainda na soleira da porta, no gesto de abrir e permitir a entrada de alguém considerado estranho. Este momento inicial requer códigos de comportamento que visam diminuir a estranheza e tornar o visitante bem-vindo.

Apesar do ideal de acolhimento e convivência que deveria caracterizar a vida urbana, o cotidiano das cidades é repleto de contradições. A presença do “outro” muitas vezes expõe contradições sociais profundas.

Derrida (2004) afirma que a tolerância é oposta da hospitalidade. Ou pelo menos seu limite, chamando atenção para os limites simbólicos do acolhimento urbano. No Brasil, essa ambivalência é evidente: embora haja políticas públicas voltadas ao acolhimento, como o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), muitos migrantes enfrentam xenofobia, dificuldades de acesso a serviços e precarização das condições de vida. Bauman (2015) relata que os refugiados simbolizam, personificam nossos medos. Ontem, eram pessoas poderosas em seus países. Felizes. Como nós somos aqui, hoje.



Mas, veja o que aconteceu hoje. Eles perderam suas casas, perderam seus trabalhos. O choque está apenas começando.

Segundo Vieira (2022) ninguém escolhe ser refugiado, são as diversas causas que empurram a pessoa para essa condição. Habermas (2015) também destaca que o direito de asilo é um direito humano, e qualquer pessoa que pedir asilo deve ser tratada de forma justa. Estudos como os de Brusadin; Panosso (2017) apontam que a hospitalidade pode ser uma ferramenta de inclusão social, desde que acompanhada de políticas integradas e sensíveis às especificidades dos grupos migrantes.

São Luís, capital do Maranhão, é marcada por uma rica diversidade cultural e histórica, sendo reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Essa identidade plural é também resultado de fluxos migratórios que contribuíram para a formação da cidade. A hospitalidade urbana em São Luís se manifesta especialmente no Centro Histórico, onde práticas de acolhimento são observadas em espaços turísticos, culturais e comerciais.

Segundo Silva (2015) a construção da hospitalidade urbana na Praia Grande se dá por meio de práticas discursivas que envolvem relações de poder, memória e identidade. A autora destaca ainda que a hospitalidade urbana é tecida nas relações entre anfitriões e visitantes, comerciantes e turistas, gestores públicos e moradores.

Para Silva (2015) a presença de imigrantes em São Luís, como os indígenas Warao originários da Venezuela que migram para o Brasil em busca de melhoria na sua condição de vida fugindo da crise econômica, política e humanitária que seu país de origem enfrenta atualmente, mostra-se um desafio às práticas tradicionais de hospitalidade.

Esta situação tem obrigado as autoridades buscarem alternativas para acolher esses grupos, mas ainda enfrenta dificuldades estruturais e sociais. Como relata pesquisas de Silva (2015), a hospitalidade precisa ser pensada como política pública e como prática cidadã, capaz de promover inclusão, respeito à diversidade e convivência pacífica.

Muitos desses imigrantes atualmente enfrentam desafios no que diz respeito à sua dignidade, pois vivem em abrigos precários, ruas ou ocupações irregulares sem muito acesso a serviços básicos como água potável, saneamento, alimentação adequada



e a serviços de saúde.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação entre migração e hospitalidade no contexto do acolhimento em São Luís - MA, buscando compreender de que maneira essas práticas se manifestam e quais barreiras e oportunidades se apresentam no processo de integração. Tendo também outros objetivos como: Investigar o fenômeno migratório, identificando suas causas e consequências; Examinar as práticas e concepções da hospitalidade relacionadas a dinâmica migratória no contexto urbano e Compreender como a hospitalidade se manifesta em São Luís- MA.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa adota como método principal a análise bibliográfica, com abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A escolha por essa metodologia fundamenta-se na necessidade de compreender os fenômenos da migração e da hospitalidade sob múltiplas perspectivas teóricas, históricas e sociais. Segundo Gil (2008), a análise bibliográfica é indicada quando se busca examinar criticamente as contribuições de diferentes autores sobre determinado tema, permitindo a construção de um referencial teórico sólido e reflexivo.

A abordagem qualitativa, conforme Minayo (2001), é apropriada para a investigação de fenômenos sociais complexos, pois privilegia a interpretação dos significados e das relações humanas. Neste estudo, essa abordagem manifesta-se na análise de discursos, conceitos e categorias que emergem da literatura sobre migração, hospitalidade, urbanismo e políticas públicas.

A pesquisa também possui caráter exploratório, uma vez que visa aprofundar o conhecimento acerca da hospitalidade urbana em São Luís, especialmente no contexto da recepção de migrantes nacionais e internacionais. De acordo com Severino (2016), a pesquisa exploratória é recomendada quando o objeto de estudo ainda não foi suficientemente investigado ou quando se pretende abrir novas possibilidades de interpretação.

A análise bibliográfica foi construída a partir de obras clássicas e



contemporâneas que abordam os temas centrais da pesquisa, utilizando-se também dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relatórios institucionais do Tribunal de Justiça do Maranhão (Maranhão, 2022), documentos oficiais, como as leis brasileiras sobre imigração (Lei nº 13.445/2017 e Lei nº 9.474/1997) e publicações acadêmicas recentes que tratam da relação entre cidade, migração e hospitalidade.

A seleção das fontes seguiu critérios de relevância temática, atualidade, autoridade dos autores e adequação ao contexto da pesquisa. Foram priorizados textos que abordam a hospitalidade como fenômeno ético, político e urbano, bem como estudos que analisam os impactos da migração sobre os espaços públicos e as políticas de acolhimento urbano, bem como estudos que analisam os impactos da migração sobre os espaços públicos e as políticas de acolhimento.

A delimitação teórica da pesquisa parte da intersecção entre três campos principais: Estudos sobre migração, que fornecem categorias analíticas para compreender os fluxos populacionais, suas causas e consequências (ZAMBERLAM, 2004; LEVY, 1974); Teorias da hospitalidade, que discutem o acolhimento como prática social, ética e institucional (DERRIDA, 2004; CAMARGO, 2004; LASHLEY; MORRISON, 2004); Urbanismo e políticas públicas, que analisam como as cidades recebem e integram migrantes, especialmente em contextos de vulnerabilidade (SILVA, 2017; FERREIRA, 2019; GALVÃO, 2022; LEITE; MEDEIROS, 2021).

Essa delimitação permitiu uma leitura crítica e interdisciplinar dos fenômenos estudados, lançando luz sobre conceitos como hospitalidade urbana, segregação socioespacial, alteridade, dádiva e Migração e Hospitalidade no Contexto Urbano de São Luís – MA.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O fenômeno migratório, compreendido como um processo histórico e social de deslocamento humano, revela-se como um dos principais agentes de transformação das sociedades ao longo do tempo. Zamberlam (2004) define migração como todo deslocamento populacional voluntário ou forçado que pode ocorrer em âmbito interno ou internacional, temporário ou permanente, individual ou coletivo. Essa mobilidade,



como o autor enfatiza, é também expressão das desigualdades sociais, da violência e das oportunidades desiguais de desenvolvimento, tornando-se um reflexo das disparidades estruturais que marcam os territórios.

Camargo (2004) e Boff (2005) destacam que esses deslocamentos frequentemente demandam práticas de acolhimento e integração por parte das comunidades receptoras, ressaltando que a hospitalidade, enquanto valor social, assume papel estratégico na adaptação do migrante ao novo espaço. A revisão bibliográfica evidencia que a migração, seja por motivos econômicos, políticos, ambiental ou social, impacta profundamente tanto quem chega quanto quem recebe.

Derrida (2004) amplia a reflexão ao propor que a hospitalidade não deve ser limitada a um ato condicional, pois restringir o acolhimento à lógica do controle e da soberania enfraquece o sentido pleno do “receber o outro”. Tal perspectiva é especialmente relevante no contexto urbano contemporâneo, onde fluxos migratórios intensos, como os observados em grandes capitais e também em cidades médias como São Luís- MA, geram desafios específicos para a construção de relações inclusivas.

No contexto maranhense, as análises apontam que os deslocamentos populacionais apresentam causas múltiplas e interligadas. A expropriação de terras, mencionada por Silva (2011), surge como um dos fatores centrais de expulsão, intensificado pela modernização do campo e pela chegada de grandes empreendimentos agrícolas. Esse processo, conforme já apontava Celso Furtado (1959), insere-se em uma lógica histórica brasileira em que a estrutura agrária concentra riqueza e expulsa populações vulneráveis. No caso específico do Maranhão, tal realidade contribuiu para o êxodo rural e para a formação de bairros periféricos em São Luís, frequentemente marcados pela segregação socio espacial (Lima, 2015). Ferreira (2019) oferece uma leitura complementar ao destacar que a migração envolve também dimensões simbólicas e culturais. Em seus estudos sobre o Médio Mearim, a autora mostra que os migrantes não apenas ocupam novos territórios, mas os ressignificam, atribuindo nomes e construindo memórias coletivas que fortalecem o sentimento de pertencimento. Essa perspectiva é fundamental para compreender a hospitalidade como mais do que uma prática funcional: trata-se de um processo relacional que envolve acolher, reconhecer e integrar.



Quando observamos São Luís sob essa ótica, percebemos que a capital maranhense atua como polo de atração dentro de um estado que, historicamente, mais expulsa do que recebe população. Os dados do IBGE (2010) confirmam esse papel central, indicando saldos migratórios positivos na capital, enquanto a média estadual apresenta perda populacional. Esse fluxo constante gera desafios urbanos, pois a chegada de novos residentes demanda políticas de habitação, infraestrutura e integração cultural. No âmbito global, autores como Castles e Miller (2009) apontam que a intensificação das migrações está intrinsecamente ligada à globalização, que, ao mesmo tempo em que amplia oportunidades de deslocamento, também expõe vulnerabilidades, como a exploração da mão de obra migrante e a dificuldade de integração cultural.

No campo da hospitalidade, autores como Montandon (2003) e Lashley; Morrison (2004) oferecem referenciais importantes. Montandon (2003) enxerga a hospitalidade como uma prática social permeada por ritos e códigos que regulam a relação entre anfitriões e visitantes. Lashley e Morrison (2004), por sua vez, identificam três dimensões social, privada e comercial que se entrelaçam no contexto urbano. Em São Luís, essas dimensões se materializam de formas distintas: a social, nas redes comunitárias e religiosas que auxiliam migrantes; a privada, na abertura de lares para familiares ou conterrâneos; e a comercial, no setor turístico e de serviços, que se beneficia economicamente da presença de novos moradores.

Derrida (2004) traz uma provocação relevante ao diferenciar a hospitalidade condicional regulada por normas e limites da incondicional, que se abre ao outro sem pré-requisitos. Essa reflexão ajuda a entender que, embora São Luís possua práticas de acolhimento, elas ainda se dão dentro de um quadro de seletividade e barreiras, tanto econômicas quanto culturais. Boff (2005) reforça que, sem políticas públicas efetivas e generosas, a hospitalidade tende a permanecer como um ideal distante da realidade, restringindo-se a iniciativas pontuais ou a contextos comerciais.

Canclini (2008) define o urbano até o século XX como um agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos, ressaltando sua complexidade. Castrogiovanni (2013) e Cavalcanti (2008) complementam que a cidade é expressão da diversidade humana e resultado de arranjos pensados para seus habitantes, que



respondem tanto a demandas locais quanto a movimentos globais. Esses conceitos ajudam a entender São Luís não apenas como espaço físico, mas como um território cultural e simbólico onde a hospitalidade se manifesta ou se omite.

No planejamento urbano, autores como Grinover (2007) e Gastal; Moesch (2007) lembram que a organização dos espaços e a gestão das cidades devem garantir o direito à diferença, contemplando grupos historicamente excluídos. Isso é especialmente válido para São Luís, onde espaços emblemáticos como o Centro Histórico e a Avenida Litorânea poderiam servir como ambientes de integração social, mas muitas vezes se voltam prioritariamente ao turismo, limitando a participação efetiva de migrantes na vida cultural e econômica da cidade.

Outro aspecto a considerar é o papel das políticas públicas de hospitalidade urbana. Junqueira; Rejowskii (2010) argumentam que a hospitalidade deve ser incorporada ao planejamento estratégico das cidades, garantindo qualidade de vida para todos os residentes. Aplicada a São Luís, essa perspectiva implica em desenvolver ações que transcendam o turismo e incluam moradia digna, oportunidades de trabalho e acesso à educação para a população migrante. Por fim, ao analisar São Luís sob a ótica de Grinover (2007), observa-se que a cidade tem potencial para projetar experiências urbanas que unam turismo e inclusão social, tornando-se um exemplo de hospitalidade sustentável. Isso exigiria, porém, planejamento estratégico e vontade política para equilibrar interesses econômicos com direitos sociais, de forma que a hospitalidade não se limite ao campo simbólico, mas se traduza em ações concretas que garantam dignidade e pertencimento aos migrantes.

Em síntese, a análise revela que a migração para São Luís está profundamente marcada por fatores estruturais históricos como a concentração de terras e a falta de oportunidades no interior e que a hospitalidade, embora presente em diversas práticas comunitárias e comerciais, ainda carece de políticas integradas e permanentes. A cidade apresenta um potencial expressivo para unir sua vocação turística à promoção de inclusão social, mas isso exige superar a hospitalidade restrita e condicional, caminhando para um modelo que reconheça e valorize a diversidade como elemento estruturante da vida urbana.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No plano internacional e nacional, observou-se que a intensificação dos fluxos migratórios é resultado de fatores múltiplos, incluindo desigualdades econômicas, conflitos, mudanças climáticas e oportunidades de trabalho. No caso do Maranhão, e especificamente de São Luís, prevalecem movimentos migratórios internos, com destaque para deslocamentos de áreas rurais e de municípios do interior em direção à capital, impulsionados pela busca de melhores condições de vida e acesso a serviços.

Em São Luís, identificou-se que a hospitalidade se expressa em manifestações culturais, no setor de serviços e nas redes comunitárias, mas enfrenta desafios decorrentes da ausência de políticas públicas integradoras, da desigualdade social e de barreiras culturais que dificultam a plena inserção dos migrantes. Essa realidade demonstra que a hospitalidade, para se consolidar como prática efetiva de acolhimento e integração, requer ações coordenadas entre Estado, iniciativa privada e sociedade.

A pesquisa confirma que a relação entre migração e hospitalidade em São Luís-MA é marcada por potencialidades e desafios no fomento da hospitalidade, mas ainda carece de políticas públicas robustas que garantam acolhimento e integração de forma equitativa. A hospitalidade, mais do que um valor moral ou uma prática de mercado, deve ser compreendida como um direito e uma necessidade social, capaz de promover coesão, respeito à diversidade e desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. **Hospitalidade: um estudo das relações humanas na hotelaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRUSADIN, L.; PANOSSO NETTO, A. **Turismo, migração e hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2017.

CAMARGO, L. O. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo /**



**desconhecimento.** In: COELHO, Teixeira (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World**. 4. ed. London: Palgrave Macmillan, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo, Organização e Reconstrução do Espaço Urbano Contemporâneo**. *Revista Rosa dos Ventos, Caxias do Sul*, v. 3, n. 5, p.381-389, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. São Paulo: Papirus, 2008.

DERRIDA, J. **A hospitalidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FERREIRA, J. **Redes migratórias e transformações no Médio Mearim**. São Luís: EDUFMA, 2019.

GALVÃO, M. **Espaços públicos e hospitalidade em São Luís**. São Luís: [s.n.], 2022.

GASTAL, Susana de Araújo; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007. 83 p. (Coleção ABC do Turismo).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, E. **Hospitalidade: aspectos culturais e sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GRINOVER, L. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Aleph, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **“O direito de asilo é um direito humano, e qualquer pessoa que pedir asilo deve ser tratada de forma justa.”** Entrevista concedida à Deutsche Welle, 1º out. 2015. Disponível em: <URL da entrevista>. Acesso em: 22 de março de 2024.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

JUNQUEIRA, Rosemeire Rodrigues; REJOWSKI, Miriam. **Produção científica sobre hospitalidade urbana no Brasil: Anais de Eventos científicos de 2004 a 2009**. VII Seminário de Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo. UAM, São Paulo, 2010.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade: perspectiva para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004.

LEITE, L.; MEDEIROS, C. **Vulnerabilidade social e mobilidade urbana em São Luís**. São Luís: [s.n.], 2021.

LEVY, M. **História da imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. LIMA, F. **Segregação socio-espacial em São Luís**. São Luís: EDUFMA, 2015.

LIMA, F. **Segregação socio espacial em São Luís**. São Luís: EDUFMA, 2015.

MAGALHÃES, M. **A imigração europeia no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2013.

MARANHÃO (Estado). Tribunal de Justiça do Maranhão. **Relatório sobre migração e**



**acolhimento em São Luís.** São Luís: TJMA, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MONTANDON, Alain. **Hospitalidade Ontem e Hoje.** In DENCKER, A.; BUENO, M. (orgs). Hospitalidade: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. Centro de Referência de Assistência a Migrantes e Refugiados. São Luís: Prefeitura Municipal, 2023.

RIBEIRO, P. **Migração interna e periferização em São Luís.** São Luís: EDUFMA, 2015. SAYAD, A. A dupla ausência. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, A. **Hospitalidade urbana na Praia Grande.** São Luís: EDUFMA, 2015.

SILVA, A. **Patrimônio e hospitalidade no Centro Histórico.** São Luís: EDUFMA, 2017. SILVA, A. Turismo e hospitalidade na Praia Grande. São Luís: EDUFMA, 2018.

SILVA, J. **Migração e expropriação no Maranhão.** São Luís: EDUFMA, 2011.

VIEIRA, VANITO, I. CÁ. **Ninguém escolhe ser refugiado.** Trajetórias de Educação Permanente no SUAS, UFRGS, [local se houver], 2022. Disponível em: <URL>. Acesso em: dia mês ano.

ZAMBERLAM, C. **Migração e desenvolvimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004